

Jornalismo e Literatura: análise da revista Piauí¹

Dayane Pontes de ARAÚJO²
Kethleen Guerreiro REBELO³

Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, AM

RESUMO

Este trabalho objetiva investigar a produção de jornalismo literário nos dias atuais, identificando as características do jornalismo literário nas reportagens da revista Piauí. O jornalismo literário é um gênero que conecta a escrita jornalística à literatura, com finalidade de produzir reportagens mais densas, amplas e detalhistas. O *corpus* de estudo é formado por três edições da revista Piauí, periódico criado no ano de 2007 pelo jornalista João Moreira Salles. O jornalismo literário ainda é um gênero em construção por ser pouco produzido pelos jornalistas contemporâneos que ainda estão alicerçados no jornalismo de lide e, também, devido aos avanços tecnológicos como a *internet* que exige um jornalismo mais imediato pautado na informação em tempo real.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; literatura; jornalismo literário; análise; revista Piauí.

INTRODUÇÃO

O jornalismo contextualiza acontecimentos, ideias, informações e discussões presentes na sociedade, ele seleciona e edita as informações de modo objetivo, interessante e verossímil (RUDIN, 2008). Inserido na perspectiva de evolução do jornalismo, da utilização de novas técnicas, procedimentos e modos de produção jornalística, está o jornalismo literário.

Há várias discussões em torno do conceito de jornalismo literário. De acordo com Pena (2006) os espanhóis conceituavam jornalismo literário a partir de duas categorias: os textos literários publicados em jornais e a textos de caráter informativo, mas com escrita narrativa detalhada. Alguns autores caracterizam o jornalismo literário como as críticas de obras publicadas em jornais. Outros ligam o gênero ao movimento denominado de *New Journalism* ocorrido na década de 1960, nos Estados Unidos.

No Brasil, o jornalismo literário é entendido como uma fase do jornalismo característico do século XIX. Esse período é marcado pela presença de escritores literários que passaram a

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2018.

² Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pelo Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas, e-mail: tamaradayane@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas, e-mail: kethleengrebelo@gmail.com

publicar em jornais, tornando-se editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins. Dentre os autores que se destacavam nessa época estão: Euclides da Cunha, Machado de Assis, Lima Barreto e José de Alencar (BULHÕES, 2007).

Diante desses conceitos, entende-se a grande importância de um estudo que se propõe a investigar a produção de jornalismo literário nos dias atuais. O objetivo principal desta pesquisa é identificar características do jornalismo literário nas reportagens da revista Piauí, periódico reconhecido no Brasil por suas publicações que utilizam uma linguagem mais humanizada e romantizada.

A metodologia aplicada nesta pesquisa baseia-se numa revisão bibliográfica de caráter qualitativo, tendo como procedimento metodológico a análise de conteúdo considerando os pressupostos de Bardin (2009) e as características do jornalismo literário apresentadas por Pena (2006). O *corpus* de estudo é formado por três edições da revista Piauí, edição número 132, 133 e 134, correspondentes aos meses de setembro, outubro e novembro, respectivamente.

A relevância desse estudo se dará por servir como material de apoio que suscite novas discussões sobre os conceitos e características do jornalismo literário, abrindo espaço para debates sobre a prática desse gênero na atualidade, principalmente, no que se refere a prática jornalística, como por exemplo a mescla entre o ofício jornalístico e a estética da escrita literária presente nos produtos jornalísticos contemporâneos.

ENFOQUE TEÓRICO

Jornalismo e Literatura

Existem diferenças entre o jornalismo e a literatura. Na literatura, há um apelo para a escrita mais ornamentada com a utilização de recursos estilísticos, que tornam o texto mais belo, atraente, com maior carga de emoção na história. A escrita jornalística é mais objetiva e padronizada, fazendo um recorte da realidade e divulgando-o em uma notícia ou reportagem, buscando ângulos e enquadramentos a partir das técnicas de redação.

Segundo Bulhões (2007, p. 83), os “[...] grandes jornais faziam conviver pacificamente as narrativas que representavam o mundo dos chamados fatos verídicos com as narrativas de um mundo imaginado”, ou seja, o jornalismo e a literatura. Essa parte do jornalismo esquiva de ser uma notícia superficial, pois este ramo desvenda um universo que comumente fica camuflado nas entrelinhas das matérias habituais e proporciona um ponto de vista particular e autoral sobre a realidade.

Esta prática textual consolidou nos Estados Unidos na metade da década de 60 com a obra *A Sangue Frio*, de Truman Capote, a qual apresenta reconstituições detalhadas de um misterioso e brutal assassinato envolvendo um fazendeiro e sua família. O fato, ocorrido na cidade de Holcomb, no estado de Kansas, fora escrito de forma humanizada, acentuando o perfil das vítimas e o caráter criminosos. Para Bulhões (2007, p. 155), “Capote seria o escritor literário que buscou na prática jornalística uma nova experiência de realização literária”.

No Brasil no ano de 1966, essa prática se tornou famosa e exercida por jornalistas da revista *Realidade*, que se arriscaram em um jornalismo que derruba fronteiras das aparências e imerge nos fatos, gerando obras que contém criatividade, que cultivam o lado autoral dos profissionais de jornalismo e, ao mesmo tempo, exige a apuração na exposição de dados esmiuçadores e a busca do ser humano por trás dos fatos objetivos.

A narratividade é o ponto de convergência entre o jornalismo e literatura. Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. Mas, apesar de haver convergências, também há divergências, pois no campo jornalístico tem-se o trabalho da objetividade e do real, já no campo literário, tem-se a subjetividade e a prática imaginativa. Ponto separou os dois a partir 1950, quando nos Estados Unidos, as casas de imprensa começam a padronização da escrita jornalística baseada em uma linguagem objetiva e impessoal, fórmula que acaba por se tornar forte após a Segunda Guerra Mundial. Os jornalistas contrários a essa medida iniciaram um movimento de negação chamado *New Journalism* (BULHÕES, 2007).

O jornalismo literário pressupõe aspectos próprios para a composição das narrativas como a imersão do repórter na realidade que se pretende contar, a presença *in loco* onde os fatos acontecem, no qual o jornalista utiliza às técnicas de redação jornalística aliadas a composição textual literária. A descrição minuciosa dos fatos possibilita ao repórter impor na narração estilo próprio e voz autoral com exatidão nos dados e nas informações coletadas, além de permitir o uso elementos ornamentais que humanizam o relato e o aproximam do leitor.

Jornalismo Literário no Brasil

O jornalismo literário chegou ao Brasil a partir de 1966, na cidade São Paulo, com o lançamento da revista *Realidade*, pela Editora Abril, e do *Jornal da Tarde*, em que ambos traziam reportagens que se aproximavam da linguagem literária e que abrigavam uma grande geração de jornalistas-escritores como Paulo Patarra, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Maranhão, Narciso Kalili, Luís Fernando Mercadante e tantos outros (CIVITA, 2003).

A revista *Realidade* buscava apresentar em suas reportagens temáticas ligadas a realidade social, política, econômica e cultural brasileira. A revista *Realidade* valorizava a “[...] reportagem como gênero a um só tempo afirmativo da atitude jornalística e permeável a incursões próximas de realização literária [...] *Realidade* legou maciça produção textual desviante do caminho da padronização” (BULHÕES, 2007, p. 143).

Seguindo a tendência da revista *Realidade*, textos como *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1975) de José Louzeiro; *Cidade partida* (1994), de Zuenir Ventura; *Rota 66* (1992) e *Abusado* (2003), ambos de Caco Barcelos. Além dos livros, nesse cenário destacam-se, também, revistas como *Caro Amigos*, *Brasileiros* e *Piauí*, que é referência no cenário atual, motivo pelo qual foi escolhida como *corpus* de estudo desta pesquisa que busca identificar as características do jornalismo literário na revista *Piauí*.

Hoje o jornalismo resgatou suas características do século XIX e, desde a década de 1960, apresenta uma nova forma de se fazer jornalismo, não só tendo em vista o avanço tecnológico, mas também ao seu formato. Nessa questão, o jornalismo literário se destaca por meio de autores que inseriram em suas obras essas mudanças que buscavam retratar realidades vividas de forma humanizada, com detalhes dos personagens e suas personalidades, algo que foge ao jornalismo clássico.

O jornalismo literário permite que o repórter introduza na história a atividade de apuração da informação, e até, de investigação. É fundamental utilizar a literatura em textos desse gênero, ultrapassando ‘o contar uma história’ e apresentando os personagens de forma mais humanizada, detalhando os fatos, as pessoas, os ambientes e suas curiosidades ultrapassando o modelo de jornalismo convencional.

Jornalismo literário: conceitos e características

O jornalismo literário tem como ponto de partida a informação com profundidade das questões que afligem a sociedade, buscando oferecer aos leitores “[...] um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo” (LIMA, 2004, p. 39).

Pena (2006) define que o jornalismo literário se preocupa em contextualizar a informação, apresentado com bastante aprofundamento um acontecimento do cotidiano, diferente do jornalismo tradicional, pois este disponibiliza pouco espaço para a informação, está mais centrado do número de notícias divulgadas do que o contexto em que aconteceu o fato.

Lima (2004) concorda com Pena (2006), pois o jornalismo diário tem o objetivo de informar e orientar, enquanto o jornalismo literário informa e orienta com profundidade, seguindo as mesmas técnicas do jornalismo cotidiano que pressupõe a pauta, pesquisas, entrevista, apuração dos fatos, produzindo para o leitor uma narrativa verossímil a realidade com ética profissional e respeito social.

Melo (2003, p. 34) atribui ao jornalismo literário o nome de diversional em que:

A natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão [...] O interesse do leitor por essas produções jornalísticas está menos na informação em si, ou seja, na essência do fato narrado, do que nos ingredientes de estilo a que recorrem seus redatores, despertando o prazer estético, em suma, divertindo, entretendo, agradando.

Portanto, Melo (2003) discorda de Lima (2004) e Pena (2006), ao definir que o jornalismo literário ou jornalismo diversional é um gênero que está mais ligado a estrutura narrativa do que a informação. O conceito de Melo (2003) está mais centrado na subjetividade do leitor que não prima pelo caráter informativo do texto, mas isso não desqualifica as matérias jornalísticas construídas com recursos comuns à escrita literária.

Apesar das críticas dos jornalistas, tanto de profissionais norte-americanos quanto brasileiros, Pena (2006, p. 4) é enfático ao dizer que “O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais”.

Assim, o jornalismo literário permite ampliar os recursos que a imprensa diária já disponibiliza indo além, busca dar profundidade aos assuntos comentados pelo jornalismo diário, seja qual for o veículo, mostrando realidades desprezadas e esquecidas, pouco discutida pela imprensa cotidiana. Dessa forma, o público vê novos olhares sobre aquilo que está presente na sociedade.

Jornalismo de revista

A revista é o casamento entre dois campos, o jornalismo e entretenimento. “Uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento” (SCALZO, 2011, p. 11-12). Esse periódico permite um contato mais próximo com seu público alvo, pois se investe tempo para dar ao leitor aquilo que ele deseja saber. Isso resulta na criação de um laço afetivo, o leitor passa a ser chamado de “você” com uma linguagem mais clara e acessível.

Tal como explica Goulart (2006, p. 30) ao dizer que:

A revista é mais conotativa, opinativa, literária, sensacionalista; publica coisas que não seriam notícia em jornal; isso porque a notícia, em revista, passa a ser também o que é de interesse do público, seu foco é no leitor, no seu assinante sobretudo. E nesse sentido o jornalista é pago para escrever sobre aquilo que o leitor deseja.

No Brasil, em 1812, foi lançada a primeira revista, *As variedades*, que tratava sobre literatura em forma de livro. A partir da década de 1920 são criadas as revistas mais reconhecidas no cenário brasileiro. A revista *O Cruzeiro*, que desde 1928 publicava grandes reportagens fotográficas, ilustrações, vendendo mais de 700 mil exemplares por semana e encerrando os trabalhos em 1978. E a revista *Manchete* caracterizada por valorizar fotos e ilustrações, além da revista *Realidade*, a primeira adepta ao jornalismo literário e investigativo, que por dez anos publicou grandes reportagens que evidenciavam as mazelas sociais em plena ditadura militar.

Goulart (2006, p. 2) destaca cinco características para o jornalismo de revista:

A variedade – muitos assuntos para fisgar o leitor e passar a sensação de janela do mundo; a especialização – centrada num determinado universo de expectativas, visto que conhece seu leitor; visão de mercado – por conhecer seu público, apresenta um produto de olho nos nichos de mercado; texto – o público é curioso, escolhe a revista, logo, se importa com o texto; imagem – o leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente são as bases da revista.

A variedade presente nas revistas está na busca por assuntos que estejam ligados com o cotidiano do leitor. Além dessas temáticas, apresentam curiosidades, iniciativas e modelos sobre a realidade de seus públicos, característica sempre vigente no mercado jornalístico de revista. A especialização dos periódicos é um imperativo mercadológico de todas as revistas existentes no mercado editorial.

Enraizadas no processo de segmentação estão revistas como *Piauí*, *Caros Amigos e Brasileiros*, periódicos voltados para públicos específicos. A segmentação segue a lógica de mercado e as épocas, articulado com aquilo que a sociedade está falando ou quer falar, desde que seja lucrativo, haja leitores/consumidores. O processo de segmentação deve seguir e identificar os interesses e desejos do público, sempre voltado para os costumes, tendências e hábitos contemporâneos para acompanhar a evolução da sociedade.

Para Scalzo (2011) a linguagem do texto de revista varia de acordo com o público-alvo ao qual se destina. Mas independente da revista e seus leitores, é universal que o texto de revista

é mais elaborado e mais trabalhado, onde o “[...] bom texto é o que deixa o leitor feliz, além de suprir suas necessidades de informação, cultura e entretenimento” (SCALZO, 2011, p. 76).

Além disso, um bom texto é aquele no qual as ideias estão “casadas”, em que os parágrafos são escritos de forma encadeada, dando ritmo à leitura e instigando o leitor ao ler o texto até final. Além desses cuidados com o texto, nas revistas que utilizam o texto do jornalismo literário, esse grau de dificuldade se eleva, porque une a escrita jornalística e literária.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Considerando os objetivos que pretendemos alcançar com essa pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa, na qual se considera que toda a realidade que envolve um objeto deve ser vista como potencial para ser analisado. Michel (2009 p.36-37) destaca que toda pesquisa de abordagem qualitativa “[...] considera que há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objetivo e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo, dos fatos”.

Articulado com a pesquisa qualitativa far-se-á pesquisa bibliográfica, na qual Lakatos e Marconi (2009, p, 44) apontam que a pesquisa bibliográfica tem por objetivo “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista ‘o reforço paralelo de suas pesquisas ou manipulação de suas informações’”. Isso permite que o pesquisador esclareça questões que envolvem seu objeto de estudo. Permite ainda que se possa definir os autores que serão os aportes teóricos do trabalho e é o ponto inicial de toda e qualquer pesquisa.

Esta pesquisa toma como *corpus* de estudo três edições da revista Piauí, um periódico mensal, com uma tiragem de aproximadamente de 56 mil exemplares por mês. Dentre as publicações da Piauí, três edições foram analisadas, sendo elas o número 132, de setembro de 2017; 133, de outubro de 2017 e 134, de novembro de 2017.

Como método de procedimento utilizou-se a análise de conteúdo voltada para a abordagem qualitativa das matérias analisadas. A metodologia seguiu as fases propostas por Bardin (2009) em que a autora propõe três etapas a serem seguidas, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré-análise corresponde ao levantamento bibliográfico e leitura da Literatura, que será base do estudo, bem como das revistas a serem analisadas. Foi realizado a pesquisa de autores

que teorizam tema investigado, neste caso o jornalismo literário e o jornalismo de revista, apresentando seus conceitos e suas características. Na segunda etapa, a exploração do material, realizamos o estudo das três edições da revista Piauí que foram selecionadas para análise das reportagens. Na qual, analisamos o *corpus* de estudo, a partir das referências selecionadas.

Na última fase, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, foi realizado as discussões acerca dos dados teóricos em vista aos aspectos do jornalismo literário encontrados nas reportagens da revista em análise a partir dos estudos de Pena (2006). Após as discussões propostas e os resultados encontrados a partir da análise de conteúdo realizou-se as considerações finais sobre este estudo.

CORPUS DE ESTUDO: A REVISTA PIAUÍ

A revista Piauí foi lançada em outubro de 2006 pelo documentarista João Moreira Salles, publicada pela Editora Alvinegra. A revista Piauí pratica um jornalismo diferente, chamado de jornalismo literário, no qual suas matérias utilizam uma linguagem mais conotativa, com o uso de figuras de linguagem, adjetivos e recursos estilísticos, diferente da escrita que é praticada no jornalismo diário.

A Piauí é voltada para um público seletivo, neste caso como o próprio *slogan* da revista dizem: “a revista para quem tem um parafuso a mais” e “a revista para quem gosta de ler”. Essas frases já indicam uma contraposição ao jornalismo diário, no que tange o espaço que é disponibilizado para o texto que é bem inferior ao que a revista dedica as suas reportagens.

A revista já existe há onze anos com tiragem de mais de 56 mil exemplares por mês. No *ranking* nacional das revistas está em nono lugar com 114 mil leitores. A revista já ganhou diversos prêmios, entre eles, no ano de 2014, a Piauí recebeu o Prêmio Esso de Jornalismo, na categoria de Melhor Contribuição à Imprensa pelo resgate da grande reportagem, o trabalho do texto e o aprofundamento de temas atuais, com informação e espírito crítico, fazendo um convite a reflexão tanto para novas gerações de jornalistas quanto para a sociedade.

ANÁLISES

Edição 132

A primeira característica apontada por Pena (2006), diz que no jornalismo literário “[...] os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por

exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (PENA, 2006, p. 14), isso significa potencializar os recursos do jornalismo, característica comumente presentes nas reportagens da revista Piauí.

Na edição 132 da revista Piauí, publicada no mês de setembro de 2017, destaca-se o excerto a seguir:

Fábio dos Santos estava me explicando tudo isso na sala dos professores, numa manhã de julho, quando alguma coisa, que de imediato eu não soube entender, aconteceu. A diretora da escola entrou na sala apressada e lançou um olhar na direção do professor. Foi o suficiente para que ele parasse de falar (PIAÚÍ, 2017, p. 10, grifo nosso).

O trecho citado foi retirado da reportagem “Coração na mão”, de Eduardo Heck de Sá, que trata sobre o cotidiano dos alunos na favela da Cidade de Deus, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nesse fragmento, por meio da descrição dos acontecimentos, percebe-se que o jornalista estava *in loco* o que demonstra a presença do repórter na rotina dos entrevistados, apurando e observando dos fatos, além da utilização das técnicas da entrevista que pode ser comprovado no trecho grifado.

Na segunda ponta da estrela, Pena (2006, p. 14) discorre que o jornalismo literário “[...] não está mais enjaulado pelo *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem”, pois ele ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano, rompendo com o factual e objetividade.

Eu havia travado o primeiro contato com a doméstica em dezembro de 2016. Quando Conceição resumiu o caso de Jeremias por telefone, resolvi acompanhá-lo. [...] Até 27 de agosto, quando terminei esta reportagem, o rapaz permanecia em Bangu, aguardando os trâmites burocráticos que o libertariam (PIAÚÍ, 2017, p. 16).

Esse trecho é da reportagem “Meu guri”, do jornalista Armando Antenore. O texto relata a história de um dos 250 mil brasileiros presos antes do julgamento, retratando os acontecimentos antecessores e posteriores a sua prisão, com a descrição dos relatos realizados pelos familiares do detento. O rompimento com o *deadline* é visível quando o repórter escreve que iniciou a reportagem em dezembro de 2016 e a finalizou em agosto de 2017, nove meses de pesquisas, apuração e entrevistas.

O rompimento com o *deadline* e a atualidade permite a terceira característica proposta por Pena (2006), a qual estabelece que o jornalismo literário proporciona uma visão ampla da realidade. Na reportagem “Meu guri”, isso fica claro, pois o repórter busca por meio da história de vida de um preso contextualizar o cenário carcerário brasileiro que, de acordo com as

informações apresentadas, está em crise. O jornalista mostra o que diz a Lei na teoria e como funciona na prática a legislação carcerária para os presos sem-julgamentos, isso permite ao leitor ter várias visões de diferentes ângulos sobre um determinado acontecimento.

Desta maneira, o repórter “[...] quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14). Com isso, por meio da contextualização ampla da realidade, o jornalista exercita a cidadania e cumpre sua função social, a quarta ponta da estrela do jornalismo literário. As reportagens da edição 132 da revista Piauí tratam sobre temas ligados, principalmente, a questões de injustiças sociais como a precariedade do sistema carcerário brasileiro para os presos sem-julgamento, os tiroteios entre traficantes e policiais na comunidade Cidade de Deus e o regime segregacionista norte-americano.

Mas isso só é possível se o jornalista literário romper com as correntes burocráticas do lide, pois essa fórmula mecanizada de escrita elimina a subjetividade do autor na narrativa, deixando o texto impessoal, direto e objetivo. A reportagem “Meu guri” inicia com a descrição de hábitos e costumes da mãe de um detento que foi preso sem julgamento. Percebe-se que o jornalista, também, revela os sentimentos e sensações de Conceição, bem como seus pensamentos e intuições.

Além de evitar o lide, deve-se evitar os definidores primários. O jornalismo diário faz muito uso desses informantes para a construção de notícias, mas no jornalismo literário fontes oficiais devem ser descartadas. As reportagens da edição da 132 da revista Piauí seguem essas características. Na linha fina da reportagem “Meu guri”, o jornalista já escreve “A mãe, a avó e a mulher de um dos 250 mil brasileiros presos antes do julgamento”, suas fontes são pessoas comuns da sociedade que não exercem nem um cargo de poder. Na reportagem “Coração na mão” professores e alunos de uma escola municipal localizada na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, são as vozes que relatam os confrontos entre líderes do tráfico e policiais.

A sétima e última ponta da estrela, diz que o jornalismo literário deve garantir perenidade e profundidade aos relatos. A partir das análises expostas, verificou que essa característica é presente nas reportagens da edição 132 da revista Piauí, devido ao aprofundamento dos relatos que a revista traz em seus textos jornalísticos, os fatos que noticia em uma edição não é substituído por outro na edição seguinte, como acontece no jornalismo diário. O jornalismo literário pressupõe a permanência na memória, seja ela individual ou coletiva, pois o relato humanizado e aprofundado dá aos textos caráter de permanência.

Edição 133

Na edição 134 a primeira característica do jornalismo literário está presente nas reportagens da revista Piauí. Potencializar os recursos do jornalismo também está no desenvolvimento da ética profissional. No trecho em destaque “O rapaz - que preferiu não se identificar – marcou um encontro com a **Piauí** no domingo seguinte ao da prova numa das ruas mais movimentadas da Rocinha” (PIAUÍ, 2017, p. 8). Aqui, preservar a identidade da fonte é um aspecto do jornalismo diário, que permanece no jornalismo literário.

A revista Piauí por ser uma revista mensal, não trabalha com temáticas factuais, nem *deadline*. Os temas das reportagens são contextualizados com outros assuntos inseridos no mesmo contexto. Na reportagem “Onde fica a casa do Lula?”, do jornalista Tiago Coelho, trata de uma excursão realizada em junho de 2017, por um grupo de seis pessoas com destino a Pernambuco para conhecer a verdadeira casa do Lula. A reportagem fala sobre a condenação do ex-presidente por receber um apartamento tríplice da construtora OAS em troca de favores à empresa e, como desdobramento, a notícia traz a viagem desse grupo de admiradores para dialogar com o fato da condenação de Lula.

Cumprindo essa característica, o jornalista consegue proporcionar uma visão ampla da realidade, como na reportagem “Do fim da era Vargas à vitória do atraso”, de Celso Rocha de Barros, faz uma leitura dos *Diários da República* de Fernando Henrique Cardoso (FHC). Muito mais do que só resenhar os livros, o jornalista contextualiza, historicamente, a política brasileira dos anos 90 com o cenário político atual por meio dos relatos de FHC.

A reportagem “Anatomia de uma delação”, exemplifica essa característica, pois a matéria parte de um acontecimento atual a rescisão do acordo da JBS, no dia 14 de setembro, mas resgata os acontecimentos anteriores a delação, desde fevereiro de 2017. As reportagens apontam para a terceira característica do jornalismo literário proposta por Pena (2006), a contextualização de fatos proporciona uma visão ampla da realidade, que permite visualizar outros aspectos, neste caso, a realidade histórica política do Brasil em diferentes tempos.

Muito mais do que ser um bom jornalista, por isso o jornalismo literário busca exercitar a cidadania. Isso significa escrever sobre temas que são relevantes para a sociedade e que contribuem para o seu desenvolvimento ou a promoção de debates sobre as problemáticas que envolvem o Brasil. A maioria das reportagens da edição 133 da revista Piauí discute o cenário político atual, além temas que tratam sobre ditadura, cultura, literatura e internet. Os jornalistas buscam em suas matérias expor aos leitores maior número de informações possíveis para que

haja uma discussões e reflexões. Essas temáticas são exemplos que caracterizam o exercício da cidadania realizado pelos colaboradores da revista Piauí.

Isso nos leva a quinta característica do jornalismo literário, romper com as correntes burocráticas do lide. As reportagens da revista Piauí, na edição 133, iniciam com uma descrição que caracteriza fontes e ambientes, há o predomínio da narração como é percebido na reportagem “Ilhados na Rocinha”. Esse rompimento com as amarras do lide, humanizam o texto jornalístico e aproximam os leitores da narrativa que está sendo contada.

Além de evitar o lide, a sexta ponta da estrela, mostra que é necessário evitar os definidores primários. Na edição 133 da Piauí, as reportagens são baseadas em depoimentos de pessoas desconhecidas ou pessoas que observaram ou participaram das histórias contadas nas matérias jornalísticas. As matérias voltadas para política tomam como base atores que estavam nos bastidores dos acontecimentos e tiveram acesso aos relatos descritos pelos jornalistas. Além disso, os próprios repórteres se tornam fontes devido ao engajamento do processo de produção da reportagem acabam por se inserir no texto.

A união de todas essas características possibilita a última e principal característica proposta pelo autor, garantir perenidade e profundidade aos relatos, pois o jornalismo literário não é efêmero ou superficial. A partir do que já foi exposto acerca das reportagens, vemos que o tratamento e a abordagem dada aos temas, por não serem factuais possibilitam sempre uma leitura atual do texto, ele não se torna frio ou obsoleto já que não tem validade. A garantia da profundidade aos relatos permite a permanência de um texto de jornalismo literário, na memória dos leitores, tal qual as reportagens da edição 133 da revista Piauí.

Edição 134

Considerando os estudos de Pena (2006), na edição 134 é possível perceber a potencialização dos recursos do jornalismo por meio do aperfeiçoamento e aprofundamento das técnicas de redação. Na reportagem “Um liberal à brasileira” da jornalista Malu Gaspar, que trata sobre a possível candidatura à presidência do engenheiro Henrique Meirelles, atual ministro da Fazenda do presidente Michel Temer. A matéria foi construída a partir de diversas entrevistas realizadas pela repórter que ocorreram nos meses de setembro e outubro, o que demonstra a aplicação das técnicas de redação.

Partindo disso, o jornalismo literário também ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano, como na reportagem “E.T., Saudações”, de Steven Johnson, fala sobre as diversas pesquisas realizadas por instituições científicas quanto a descoberta da existência de novos

planetas que teoricamente poderiam ser habitáveis e sobre os avanços tecnológicos para enviar mensagens para outros possíveis sistemas solares existentes. A matéria é um desdobramento de um fato ocorrido em 1974, que mesmo após quatro décadas ainda se mantem em discussão.

A partir do momento que repórter supera o acontecimento diário, ele consegue proporcionar uma visão ampla da realidade. O jornalista deve possibilitar ao leitor vislumbrar diversos aspectos sobre um único tema em debate como na reportagem “À moda das radionovelas”, de Carol Bensimon. Nessa matéria a repórter fala da ascensão repentina dos audiolivros, explicando os motivos que levaram esse produto ao topo do mercado editorial mundial, desde a realidade brasileira como dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha.

Ao apresentar ao leitor várias perspectivas de um tema relevante e de grande contribuição para a sociedade, o jornalista realiza sua função social, exercitando a cidadania. As reportagens da revista Piauí discorrem sobre temas de interesse social, na edição 134, as matérias expõem diversas discussões sobre política, saúde, cultura, ciência e literatura.

Para exercitar a cidadania, o repórter deve romper com as correntes burocráticas do lide que limitam o papel do jornalista na produção de reportagens. Nesse aspecto, na revista Piauí, os textos são relatos mais descritivos e humanizados, características da escrita literária que são inseridas nas narrativas. Essa técnica aproxima o leitor da história e dos personagens que compõem a matéria como na reportagem “Um liberal à brasileira”.

Era para ser uma ocasião festiva, mas o constrangimento dos recém-chegados denunciava que o encontro com Henrique Meireles havia se transformado numa tremenda saia justa [...] como dizer ao ministro da Fazenda que o relatório otimista que haviam preparado sobre as perspectivas da economia no país tinha caducado (PIAÚÍ, 2017, p. 20).

Esse é o primeiro parágrafo da reportagem, o repórter inicia com o relato de uma reunião do ministro Henrique Meirelles, utilizando na descrição dos fatos recursos estilísticos. Nota-se no excerto o uso de adjetivos percebido nas expressões ‘festiva’, ‘constrangimento’ e ‘otimista’, além da presença de figuras de linguagem representadas pelos termos ‘tremenda saia justa’, que significa situação vergonhosa, e ‘caducado’ que quer dizer anulado.

Ressalta-se que o lide não é a única fórmula que restringe a subjetividade do jornalista, o uso constante de fontes oficiais limita o repórter, a sexta característica do jornalismo literário. Na reportagem “Sem choro nem vela”, Mônica Manir retrata o destino dado a partes amputadas do corpo. A repórter procura construir seu texto utilizando a fala de pessoas anônimas e o cidadão comum que está próximo da realidade contada como vemos no exemplo a seguir:

Ranimiro Lotufo, palestrante motivacional de 56 anos, não mede as palavras quando lhe perguntam sobre o destino da perna que perdeu em 1995 [...] O bancário Bruno Antevelly, de 27 anos, deixa clara sua escolha. Em 2013, após operações frustradas para salvar a perna esquerda, esmagada num acidente de moto, ele aceitou ter o membro cortado quatro dedos abaixo do joelho e optou por sua incineração (PIAUI, 2017, p. 82).

As duas fontes descritas no fragmento acima são pessoas comuns da sociedade e vítimas de acidentes que resultaram na amputação de algum membro. A matéria é construída a partir dos relatos desses personagens e de outros que passaram por situação semelhante, assim como do órgão responsável pelo serviço funerário paulistano e de médicos especialistas.

Nas reportagens é preciso garantir perenidade e profundidade aos relatos, isso pressupõe extensas pesquisas, apuração rigorosa e diversas visões de um determinado fato. Como é possível perceber na edição 134 da revista Piauí que utiliza essas técnicas de redação, deixando de lado o sentido superficial das notícias tão presentes na mídia cotidiana. Na revista Piauí, a superficialidade é substituída pela profundidade aos relatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar as características do jornalismo literário nas reportagens da revista Piauí, por meio das análises das reportagens de três edições da revista, percebe-se que há presença das características do jornalismo literário debatidas por Felipe Pena (2006). Dessa forma, percebemos que a revista pratica um jornalismo que vai além da objetividade e impessoalidade. O jornalista apura os fatos com profundidade e humanização, utilizando as técnicas da escrita literária em conjunto com as técnicas jornalísticas de captação e apuração de informações, resultando em um periódico que é referência para o jornalismo literário no Brasil.

A prática do jornalismo literário quer desvendar o fato sobre diferentes ângulos, privilegiando o relato denso e subjetivo, que gere emoções. Propõe-se que os fatos sejam abordados de um jeito diferenciado, com maior profundidade e reflexão, tornando a escrita jornalística mais sensibilizada. Isso mostra que o jornalismo literário não rompeu com o jornalismo diário, mas que, na verdade se aprofundou. O compromisso do jornalista de levar informação pautada na realidade social permanece. A diferença está na apropriação das técnicas da escrita literária como recurso para tornar a linguagem mais próxima ao leitor com histórias mais humanizadas, aliadas às técnicas da produção jornalística.

Dessa forma, o jornalismo literário vai além da objetividade e impessoalidade que mostra a realidade por trás dos dados oficiais reproduzidos pela grande imprensa cotidiana. O jornalista apura os fatos com profundidade e humanização, utilizando as técnicas da escrita literária em conjunto com as técnicas jornalísticas de captação e apuração de informações, o que torna a revista Piauí, um exemplo de jornalismo literário brasileiro nos tempos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CIVITA, Roberto. E surge uma nova revista. In: **New journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

GOULART, Alexander. Uma lupa sobre o jornalismo de revista. **Observatório da imprensa**. São Paulo, ano 8, n. 388, set/2006.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Mariana. **Técnicas de Pesquisas**: Planejamento e Execução de Pesquisa, Amostragem Técnica Elaboração, análise e Interpretação de Dados. 7ª ed. 3ª reimp. São Paulo. Atlas 2009.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PIAUÍ. Rio de Janeiro, ano 12, n. 132, set. 2017. Mensal. ISSN 1980-1750.

PIAUÍ. Rio de Janeiro, ano 12, n. 133, out. 2017. Mensal. ISSN 1980-1750.

PIAUÍ. Rio de Janeiro, ano 12, n. 134, nov. 2017. Mensal. ISSN 1980-1750.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RUDIN, Richard. **Introdução ao jornalismo**: técnicas essenciais e conhecimentos básicos. São Paulo: Roca, 2008.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4ª ed. rev. atual. São Paulo: Contexto, 2011.